

**ALGUNS FUNDAMENTOS E VALORES  
PARA PENSAR A PESQUISA  
COMO VOCAÇÃO E TRABALHO DE QUEM EDUCA**

***Carlos Rodrigues Brandão***

*Primeiro*

O que o ser humano pode fazer e criar com o seu conhecimento começa a ser, em nossa era, algo compreendido como de um alcance inacabável e inimaginável. Se houver tempo de vida humana no planeta Terra por séculos e por milênios ainda, este alcance poderá tomar a direção de uma compreensão de profunda harmonia entre todas as coisas – pessoas e sociedades humanas incluídas – e o Todo de que são parte. Este seria o caminho da realização do saber como plena humanização e de consagração da experiência humana como uma fecunda e assumida partilha do mistério da Vida. O que o ser humano pode fazer com o bom uso de seu conhecimento é nada menos do que a construção do primado da compreensão, da solidariedade, da justiça, da igualdade e do seu desaguadouro: a partilha felicidade entre todas as pessoas e todos os povos da Terra.

Por menor e mais limitado que seja qualquer trabalho de interação entre pessoas através do saber e da atividade social que, como sentido e significado, ele deve orientar, um tal ofício do conhecimento não deve aspirar menos do que somar-se a todo o fluxo de estabelecimento do bem e da paz através, também, do saber da ciência.

É finito e perversamente provisório o que o ser humano pode criar e fazer quando o pensamento que poderia gerar o dom da partilha e a compreensão da paz, gera o poder, a cobiça e o primado da lógica do interesse instrumental e do mercado sobre a vocação de uma ética da comunicação amorosa entre pessoas e povos. Devemos crer nisto porque é muito difícil ser educador sem acreditar profundamente neste valor da vida e da ação social. Todo o saber gerador do mal que, após haver extinguido o direito humano à compreensão e à felicidade, pretenderá extinguir extinguirá também as condições de reprodução da vida na Terra, precisa ter como contraparte uma vocação de pesquisa e de saber que seja o seu exato oposto. Não há saber neutro, não há ciência neutra e não há pesquisa neutra. De perto ou de longe, direta ou indiretamente, elas são emancipatórias e realizam a vocação da experiência humana, ou conspiram contra ela. Numa direção e na outra chegamos a um momento da história humana em que, mais do que nunca, o lugar da ciência e o das tecnologias de ação social e de socialização da natureza são centrais e cruciais.

## *Segundo*

Mais do que em todas as épocas anteriores, nesta época de nosso tempo, pensada como a “era do conhecimento” ou a “era da consciência”, o lugar da educação é tão nuclear e crucial quanto o da ciência. Mais do que nunca somos e serão os outros o que fizemos conosco e entre eles através da educação que nos faz e a eles.

Assim, podemos pensar que a razão de ser da educação não é apenas o ato de capacitar instrumentalmente produtores humanos através da transferência de conhecimentos consagrados e em nome de habilidades aproveitáveis. Antes disto e para muito além disto, ela é o gesto de formar pessoas na inteireza de seu ser e de sua vocação de criar-se a si mesma e partilhar com outros a construção livre e responsável de seu próprio mundo social de vida cotidiana.

Destinada a pessoas humanas no singular e no plural e, não, ao mercado de bens e de serviços ou mesmo a um poder de Estado, a educação não é uma atividade provisória e antecipadamente calculável segundo princípios de uma utilidade instrumental. Uma utilidade instrumental cujo lugar de destino é apenas o trabalho produtivo, principalmente quando o exercício deste trabalho serve ao poder e aos interesses do mundo dos negócios.

A educação é uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente, de novo, no singular e no plural de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Assim sendo, o seu sentido é mais o de recriar continuamente comunidades aprendentes geradoras de saberes e, de maneira crescente e sem limites, abertas ao diálogo e à intercomunicação. A educação não gera habilidades, ela cria conectividades, e o que há de instrumental e utilitário nelas é apenas a sua dimensão mais elementar. Um alicerce, um chão sobre o qual se pisa ao andar e acima do qual resta construir toda a casa do ser.

Ainda que represente uma escolha de saberes, de sentidos, de significados, de sensibilidades e de sociabilidades entre outras, a educação não pode pré-estabelecer de maneira restrita “modelos de pessoas”. Não pode pré-criar “padrões de sujeitos” como atores sociais antecipados e treinados para realizarem, individual e coletivamente, um estilo social de ser. Só é humano o que é imprevisível, e toda a educação que humaniza trabalha sobre as suas incertezas a respeito não tanto dos seus princípios, mas do destino daqueles a quem educa. Considerada como uma prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens onde o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende, a educação deve começar por tornar os educandos progressivamente co-autores dos fundamentos dos processos pedagógicos e da construção das finalidades do próprio aprender.

Pela mesma razão, a educação deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se reconhecerem corresponsáveis pelas suas próprias escolhas. Inclusive aquelas que, fruto do diálogo com os educadores, sejam diversas ou mesmo opostas às deles.

### *Terceiro*

A razão de ser do ofício das ciências e, de maneira especial, das ciências da pessoa, da cultura e da sociedade (pedagogia incluída) não é estabelecer certezas irremovíveis e explicar dimensões da realidade através de leis e teorias inquestionáveis. Elas devem estar francamente abertas a campos conectivos, interativos e transformáveis de busca e de criação de significados.

Não cabe à ciência dizer o que há e como é o que existe segundo versões únicas e auto-proclamadas como definitivas, mesmo quando aperfeiçoáveis. Cabe a ela estabelecer diálogos de fertilidade e complexidade crescentes entre nós e o que existe. Entre nós e as diferentes formas e alternativas de compreensão do que existe. E entre nós mesmos - seres da natureza, da cultura e da sociedade - através dos múltiplos tipos de conhecimentos sobre o que existe e sobre aquilo que precariamente construímos para realizar uma entre as várias possíveis compreensões humanas do que existe. Do que existe e do que imaginamos, múltipla e diversamente, que existe dentro de nós, entre nós e entre nós e as várias dimensões da vida e do cosmos.

### *Quarto*

Qualquer que seja o campo preferencial em que opere, como a educação, por exemplo, nenhuma ciência é neutra ou “pura” em si mesma, vimos já. Aprofundemos esta desconfiança fecunda. Ela fala através de pessoas que são sujeitos de escolhas e de preferências. Pessoas e grupos de pessoas alter e auto identificadas como atores culturais socialmente revestidos de algum poder de falar em seu nome, através dos princípios, processos e produtos de alguma de suas versões. Ela fala em nome de. Portanto, fala sempre desde um lugar social como: uma confraria de especialistas, uma comunidade relativamente autônoma, o poder político de um estado, o mercado de bens ou a interação entre pelo menos dois destes lugares sociais de construção e de destino do saber.

Em sociedades regidas pela desigualdade, pelo arbítrio, e pelo controle ilegítimo da liberdade, a exclusão dos “outros que não nós” e a submissão do saber e do trabalho humano a fontes de poder e de interesse situados fora dos direitos essenciais da pessoa, não existe a possibilidade de uma ciência isenta e objetivamente neutra e imparcial.

Fazer-se ou pensar-se neutro em um tal mundo de vida cotidiana quase sempre significa tomar o partido daqueles que, por boa consciência ou por má fé, creem ou fazem com que se acredite que, entre o conhecimento científico e os direitos humanos à felicidade, há uma separação legítima. E que neste intervalo a ciência serve a si mesma e ao puro e desinteressado incremento do saber legítimo e consagrado. As intenções e os usos do conhecimento transformado em interesse de posse ou em poder social, estão situados fora do âmbito do ofício do cientista e não lhe cabe decidir o destino de suas descobertas. Esta é a

ilusão fundadora de algumas outras. Uma ciência de pesquisas críticas ao mesmo tempo em que desvela dimensões da realidade, desvenda a falácia de uma tal suposta neutralidade do pensar científico.

#### *Quinto*

Devemos reconhecer os vínculos de partilha ou de submissão da ciência e, em seu interior, da pesquisa científica, com respeito ao lugar social que a abriga. O círculo de cultura que define no todo ou em parte a sua vocação e que se apresenta como seu beneficiário exclusivo ou preferencial.

Devemos compreender que se o saber existe, é também ou essencialmente ele o que nos torna humanos. O saber, a emoção e a busca sem limites de sentidos e de significados para nós mesmos, para os mundos que criamos, para a vida e o universo, eis o que nos torna pessoas humanas e sempre mais humanizáveis, como seres do diálogo e da reciprocidade. Eis os termos em que o próprio conhecimento e todas as alternativas culturais de sua recriação, para além de critérios apenas epistemológicos, só fazem sentido quando representam alguma forma de trabalho dialógico e destinado ao compartilhar crescendos de compreensão da vida e da felicidade na vida.

Apenas por uma doença cultural do espírito, de que ainda não nos conseguimos curar e que de tempos em tempos, aqui e ali, parece ampliar o seu poder sobre nós, pode-se aceitar que o trabalho da pesquisa científica seja submetido a interesses em que a individualidade se perverte em individualismo e se apropria do conhecimento como uma forma de posse, de poder ou de prestígio de uma pessoa ou de uma confraria fechada.

Devolvidas a comunidades humanas regidas pelo direito à diferença, à escolha livre e à reciprocidade responsável, a ciência, a pesquisa e a educação aspiram serem plurais. Aspiram multiplicar atores e autores, ampliar cenários de circulação criativa do saber entre círculos do dom e da troca. O que é o exato oposto dos circuitos sociais do ganho, da posse e do poder. Aspiram a uma multiplicidade convergente das diferenças. E sonham tempos de novas integrações entre os diversos campos e domínios das ciências (as da natureza, da vida, da pessoa e da sociedade) e novas (ou a redescoberta das antigas) interações entre o saber científico e outras esferas de conhecimento e de sensibilidade. Esferas do saber como as das artes, das espiritualidades, da filosofia e das tradições populares. Aquelas que adiante nos esperam com o nome de “conhecimento do senso comum”.

#### *Sexto*

Toda a investigação científica associada a alguma dimensão de trabalho do educador, desde a que serve a preparar uma aula até a que desagua em uma tese de doutorado, deve servir em primeiro lugar à sua razão de ser propriamente pedagógica. Ela está no propiciar condições de um aprendizado mais complexo e ativo, mais participativo, mais crítico e mais criativo a um número crescente e

aberto de todas as pessoas. Ela deve ser um instrumento a mais na difícil passagem do conhecimento consolidado que se acumula em direção ao saber que se aprende enquanto se vive a experiência de criá-lo em situações de diálogo.

Mas uma outra razão de ser da pesquisa na educação deve ser acrescentada à primeira. Ela é francamente social, no ser também pedagógica. Pois ela deve servir à multiplicação de equipes, de grupos, de comunidades sociais e de suas redes cada vez mais alargadas e abrangentes de pessoas reflexivas dentro, à volta e fora da escola. Unidades culturais de criação de saber responsáveis por pensar o seu mundo e agir sobre ele através do aprendizado que se vive quando se participa da construção social e solidária do que se pensa.

Vivemos um momento de redescoberta da reciprocidade, da formação de cooperativas de trabalho e de troca de bens. Vivemos um difícil tempo de fortalecimento e da dispersão dos movimentos sociais resistentes aos e contestadores ativos dos interesses do mercado e do poder do Estado a ele subordinado. Este deve ser o momento de nos perguntarmos se não estamos maduros o bastante para incorporarmos o saber, a ciência, a tecnologia e a educação a essas redes de vida comunitária cujos sujeitos e elos são nada menos do que “nós mesmos”. Se este não é o momento de pensarmos o saber que se cria com o pensar que se vive através de se aprender a praticar a ciência, como um bem e um dom preciosos demais para estarem continuamente sob o controle de eternos “outros”, alheios à sua prática e senhores de seus resultados e proveitos. Aqueles para quem o saber, a ciência e a educação são, no seu limite, uma mercadoria como outra qualquer.